



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

NADIR DOS SANTOS

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-487

Entrevistada: Nadir dos Santos

Nascimento: 26/04/1953

Local da entrevista: Porto Alegre – RS

Entrevistadoras: Claudia Yaneth Martinez Mina

Data da entrevista: 15/11/2014

Transcrição: Eliana Ribeiro de Freitas

Copidesque: Suellen dos Santos Ramos

Pesquisa: Suellen dos Santos Ramos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 47 minutos

Páginas Digitadas: 9

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no futsal e futebol da sua filha Suellen dos Ramos; Infância da filha; Apoio no esporte oferecido para sua filha; Experiência dentro do futsal da sua filha; Brinquedos e brincadeiras ofertadas à filha; Escolinhas esportivas; Significado do futebol na vida da filha; Presença das mulheres no esporte.

C.M. – Centro de Memória do Esporte, em 15 de novembro de 2014, entrevista com Nadir dos Santos a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Boa tarde senhora Nadir, muito obrigada por essa entrevista.

N.S. – Com todo o prazer.

C.M. – Eu queira que você me contasse, quando você lembra que a Suellen¹ começou a jogar sua primeira bola, começou a jogar futsal na rua?

N.S. – A minha filha gostava desde neném, quando ela era nenezinha e quando estava o tempo muito nublado, ela era muito alérgica, vivia gripada, aí eu tinha que distraí-la dentro de casa. Eu colocava ela nos meus pés e ela tinha uma bola de plástico, aí eu fazia ela chutar a bola. [RISOS] Em cima dos meus pés, agarrava ela assim e chutava. Ela gostava e dava gargalhada. Aí ela foi para uma escolinha, na pré escola, ela tinha dois anos. Coloquei ela na escolinha ela tinha um ano e sete meses. Nós morávamos em Angra dos Reis². Aí voltamos quando Collor³ confiscou os bens, a situação ficou difícil lá, aí voltamos para Porto Alegre⁴. Vim para Porto Alegre, ela tinha dois anos. Recém tinha feito dois anos. Aí coloquei ela em uma outra escolinha e essa escolinha tinha muito menino e ela jogava bola no pátio da escolinha com os coleguinhas. Depois fomos morar em uma rua onde tinha muita criança e era uma rua tranquila. As crianças brincavam no meio da rua, então, quando ela viu os meninos jogarem bola ela quis jogar. Então ela corria com os meninos. [RISO]

C.M. – Então para você não tinha problema que ela jogasse?

¹ Suellen dos Santos Ramos, filha da entrevistada.

² Cidade situada no sul do estado do Rio de Janeiro.

³ Referência a Fernando Affonso Collor de Mello, presidente do Brasil no período de 1990 a em 1992.

⁴ Cidade do estado do Rio Grande do Sul.

N.R. – Não, todas as mães ficavam ali olhando também. Não havia problema das crianças se misturarem com meninos para jogar bola no meio da rua. Mas aí quando ela foi para a escola, uma escola particular chamada Instituto Santa Luzia, é uma escola de deficientes visuais que abriu as portas para as crianças normais e lá ela jogava bola na hora da Educação Física e ela jogava bem. Um dia um professor dela mandou me chamar lá na escola. A eu digo: “Ai meu deus, o que será que a Suellen me aprontou lá?” [RISOS] O professor de Educação Física me chamando na escola, alguma coisa a Suellen fez. [RISOS]. Aí eu fui lá e ele disse: “Mãe, eu te chamei aqui sabe por quê? Porque eu quero que tu coloque a Suellen em uma escolinha de futebol.” Eu digo: “Mas professor não pode ser um balézinho pra ela, ela é menina né, porque ela já joga lá no meio da rua, na frente de casa.” Ele: “Não mãe, pois assim ela vai desenvolver habilidades e ela tem muito talento, ela gosta do futebol e ela precisa assim, ter um direcionamento.” Ele disse assim em termos de educação pedagógica, uma coisa assim, professor. Aí eu procurei, pesquisei várias escolinhas perto de casa, inclusive até o Ipanema⁵ que tem lá na rua Coronel Marcos, mas os horários lá com os meus horários não coincidiram. E eu fiquei com medo, lá naquele local, ela ter que ir sozinha de ônibus porque havia muito movimento ali. Não tinha sinaleira, nada, e até hoje ali é assim. Eu digo: “Não, vou lá no Grêmio⁶”. Lá no Grêmio tinha escolinha de futebol feminino e aí eu matriculei a ela lá. Todos os dias de manhã eu levava ela. Durante um ano foi assim. A gestão naquela época era do Fábio Koff. Não sei por que motivo no final do ano, ele fechou o departamento de futebol para categoria de base dela, que era infantil: dos sete aos doze anos, eu acho... Nós tínhamos uma vizinha que a filha dela jogava no Inter⁷. Pois a mãe da menina foi professora de Educação Física, foi professora universitária do IPA⁸, então, ela incentivava muito os filhos, como eu, a fazer esporte. A Suellen não foi jogar futebol porque ela tinha talento ou porque ela gostava não. Ela foi mais por motivo de saúde, ela tinha problemas de adenoide, tinha problemas de garganta e o médico então determinou assim. O pediatra dela, doutor Aquilino⁹: “Não mãe, nós não vamos operar a garganta, não vamos operar a adenoide. Tu vais colocar ela em um esporte, um esporte que exija a respiração dela, certo?” Aí que eu me motivei e eu falei para o médico que o professor dela falou para ela entrar em uma

⁵ Ipanema Sports.

⁶ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

⁷ Sport Club Internacional.

⁸ Instituto Porto Alegre.

⁹ Aquilino Alberto Saavedra Cachafeiro.

escolinha de futebol, e ele achou maravilhoso. E disse que veio a calhar, pois ela precisa fazer um esporte que exija da respiração dela para abrir as adenoides, então, as adenoides abrindo tu não vais precisar mexer na garganta porque eles, naquela época, eles fizeram um estudo dizendo que o esporte melhora muito essa condição da respiração. Crianças com asma, bronquite, pessoas com problemas respiratórios que era o caso dela né. Ela não tinha asma, nem bronquite, mas tinha as adenoides fechadas. Ela dormia muito de boca aberta e com isso eu desenvolvi uma insônia muito séria porque eu ficava com medo, que eu disse pra ela, tem hora que assim, à noite, às vezes eu dormia tarde porque eu ficava fazendo os afazeres da casa enquanto ela dormia, ela dormia cedo né. Então eu dormia mais tarde, isso para mim não foi bom, porque ele disse para eu ficar atenta, se ela tivesse muito dessas paradas respiratórias à noite, aí sim ela iria para a mesa de cirurgia, raspar, e ele disse assim: “Aí eu vou mexer na garganta, mexer nas adenoides.” Levamos ela em um médico especialista que fez uma endoscopia nasal dela e disse que teria que operar mesmo. Mas o pediatra não permitiu, então, ela foi fazer uma atividade esportiva. Deixei ela escolher a atividade que quisesse. Ela escolheu o futebol. Eu dizia: “Quem sabe tu vais para o balé?” Isso porque ela já tinha feito natação que também era bom, mas sabe como é que é criança, troca o professor e a criança não quer o novo professor. Aí foi para aula de “roller”, patins, patinação, lá na escola chamada Tangarás¹⁰, eles estavam na frente do Natacenter¹¹. Eles se mudaram dali e foram lá para longe, eram duas passagem de ônibus. E eram uns horários que elas não tinham aulas no sábado, que eu pedi. Aí durante a semana os horários dela não coincidiram com os meus, com a escola e era longe também. Daí dei um tempo de um ano e aconteceu isso tudo aí, o professor chamou, o médico também. Então chegamos à conclusão que ela tinha que fazer um esporte. Eu queria que ela fizesse um Balé, mas ela não queria Balé. Fez natação, fez “roller”, então tá, deixei ela escolher o esporte.

C.M. – Porque a senhora queria que ela fizesse Balé?

N.S. – Balézinho porque é feminino né, futebol eu achava muito masculino, mas como na escola ela jogava pois entrou no currículo como obrigatório as quatro modalidades de esporte, ela jogava na escola futebol, basquete, futebol, vôlei. Então, deixa ela fazer o esporte que quiser, desde que trabalhe a respiração... E a professora lá do Grêmio, que dava

¹⁰ Nome sujeito a confirmação.

¹¹ Academia esportiva situada em Porto Alegre, RS.

aula, era uma professora muito boa, mas a que me deu mais respaldo à respeito da saúde dela, foi quando ela foi lá para o Internacional, para a Escolinha da Duda¹². Pois lá eles faziam avaliação dos alunos, de saúde, psicológica, da escola. Aí eu achei ótimo. Falei para a professora do problema da Suellen e ela fazia também avaliação nutricional. Ela era muito magrinha, ela tinha dificuldade para comer, pois a minha filha até os três anos de idade, eu cuidei dela. Quando morávamos em Angra eu tinha uma clínica de estética que eu fechei a clínica, coloquei tudo numa casa, trabalhei dentro de casa para ficar cuidando dela com uma outra babá. Quando viemos a Porto Alegre, eu estava com dificuldade para me encaixar em algum lugar para trabalhar. Eu vim trabalhar com um irmão, com alimentação particular, fazíamos comida para fora e vendíamos. Fazia sanduiche e vendia na rua. Ela ficava comigo meio expediente. Aí eu cuidava bem, ela era bem fortinha, até os três anos ela era bem buchechuda. Eu cuidava dela. Mas depois eu me desentendi com meus irmãos a respeito da alimentação e outros fatores que não convém dizer. Aí eu procurei um emprego e fui trabalhar no Spa Doutor Miloso¹³ como massagista que já era a minha profissão lá no Rio de Janeiro antes de voltar à Porto Alegre. Aí eu coloquei ela em uma creche comunitária pois eu não tinha condições de pagar uma creche melhor com embasamento de professores. Aí eu coloquei em uma creche comunitária que ainda tinham professoras normalistas que faziam o segundo grau, depois mais o curso de magistério. E a dona da creche. Aí eu coloquei-a nessa creche comunitária. Mas aí ela foi ficando muito magrinha porque lá era assim: se ela quisesse comia, se não quisesse não davam. E eu levava alimentação boa, levava maçã, banana, laranja. E tudo que eu levava era dividido entre todas as crianças. Ela foi ficando muito magrinha. Aí depois eu arrumei uma senhora que me ajudou a cuidar melhor, mas também deixava ela muito à vontade na alimentação. Ela gostava muito da Suellen, então a Suellen tinha que comer o que ela quisesse. A Suellen era uma criança boazinha. Ela tinha uma creche dentro de casa, essas senhoras que cuidam para as mães irem trabalhar. Aí ela foi ficando muito magrinha, magrinha, magrinha, magrinha. Aí teve que passar por uma avaliação nutricional e mais o esporte. A criança quando a mãe não cuida, quando não é a mãe que cuida e não tem uma pessoa assim muito responsável, aí elas não passam coisas boas, em termos de pessoas assim que não tem muita instrução. Então, uma certa ignorância na maneira de tratar as crianças. Querem cuidar de crianças mas não entendem a maneira correta de cuidar.

¹² Eduarda Marranghelo Luizelli.

¹³ Nome sujeito a confirmação.

C.M. – Uma pergunta. Você disse que o que mais incentivou para colocar a Suellen dentro de uma escolinha foi uma questão de saúde. Mas se ela não tivesse estado com essa doença da garganta, você teria matriculado ela numa escolinha?

N.S. – Sim, eu colocaria sim mas na ginástica olímpica. Pois ela tinha talento para ginástica olímpica também, ela era pequena. Um dia eu falando com um professor de ginástica, ele disse que ela teria talento para a ginástica olímpica, para o futebol. Na ginástica olímpica porque ela tinha muita flexibilidade. Ali perto de casa não tinha, geralmente é lá na SOGIPA¹⁴ que tinha ou no Grêmio Náutico União. E eu não sabia outros lugares.

C.M. – Mas o futebol ajudava mais na questão da respiração, sim?

N.S. – Também né. Seria bom, mas desde que professora, orientador, preparador físico trabalhasse também a respiração. E lá no Internacional a Duda me ajudou nesse sentido. A Duda, o preparador físico dela me ajudou bastante nesse sentido.

C.M. – Farei uma pergunta sobre... A Suellen falou sobre os brinquedos que você comprava. Você lembra quais os brinquedos que ela gostava?

N.S. – A Suellen tinha muito brinquedo. Eu sempre estava comprando um brinquedo ou outro para ela. Pois criança não se detém a um brinquedo só. Sempre tem que ter novidade.

C.M. – Tinha alguma preferência para você comprar, lembra quais eram os que mais comprava?

N.S. – Ela gostava de brinquedos com controle remoto, esses brinquedos de menino esses, bonecos feios, gostava de Pokémon. Ela tinha um relógio do Pokémon que tinha que dar comida, era coisa horrorosa. [RISOS] Tinha vários brinquedos que eu me lembro, tinha lego, boneca, mas boneca grande que ela pudesse colocar roupa. Tinha Barbie, mas ela não

¹⁴ Sociedade Ginástica Porto Alegre.

dava muita bola para Barbie. Ela gostava de boneco grande, boneco de pelúcia, gostava de carrinho, gostava muito de carrinho. Aí eu comprava. [RISOS]

C.M. – Ela falava para você quais brinquedos queria e você comprava?

N.S. – Comprava. E ela ganhava muito brinquedo das minhas sobrinhas. Quando elas não queriam os brinquedos elas davam para a Suellen. Elas tinham muitos joguinhos. E o brinquedo que ela mais gostou mesmo foi o vídeo game, ela não saía da frente da televisão. Aí juntava a criançada da vizinhança, os netos da senhora que cuidava dela, que eu morei numa casa durante seis anos, dos quatro aos dez, onze anos da Suellen. E a vó essa, cuidava com muito carinho, por isso eu fui ficando tanto tempo.

C.M. – Alguma vez comprou uma bola de futebol?

N.S. – Comprei. Ela sempre tinha bola. Nunca deixou de ter bola.

C.M. – Você sempre incentivou?

N.S. – Sempre incentivei bola, sempre. Eu sempre procurava me orientar com os professores. E eu fazia massagem em psicólogo e eles também me ajudavam nesse sentido.

C.M. – E como ela gostava de se vestir, quando estava bem criança, quais eram seus vestidos preferidos?

N.S. – A Suellen até os, digamos assim, até os seis anos ela foi muito vaidosa, gostava muito de vestidinho, de saia, de coisinha no cabelo. Eu fazia as tiarinhas dela, os lacinhos nela. Ela era assim uma bonequinha de tão bem vestida. Uma vez um homem no ônibus disse assim, ele ficou olhando para nós e falou assim: “Olha que coisa mais linda essa criança, parece aquelas crianças americanas. [RISOS] Eu tive que achar graça. De tão arrumadinha, cheirosinha. Eu sempre mantinha ela assim.

C.M. – E depois dos seis anos?

N.S. – Depois ela mudou. Ela não queria mais usar saia. Pois nós passamos por um contratempo, essa senhora que cuidava dela, incentivava a Suellen a usar “shorts” e calça e não queria saber de menina abrindo as pernas porque ela tinha os netos e menina tinha que ter modos, então vai usar só “shorts”. Então ela foi acostumando aquilo e depois não queria mais usar saia. Então eu só comprava calça, “shortezinho”. Mas ela sempre foi vaidosa com aquele cabelo dela, bem arrumada, brinco, ela sempre gostou. Isso aí sim.

C.M. – E quando ela se tornou adolescente, ela mudou a maneira de vestir-se?

N.S. – Não, aí ela queria se vestir como as colegas, “baby look”, calça abaixo da cintura, ela se vestia igual as meninas daquela época.

C.M. – Você o que acha dela jogar futsal?

N.S. – Eu acho ótimo, é esporte. Todo mundo deveria fazer um esporte, escolher um esporte que quisesse. Eu mesma queria fazer esporte e eu não podia fazer porque eu tinha um irmão para cuidar e meu o pai foi um grande nadador, esse senhor que me criou e a minha mãe, o meu pai foi um grande nadador do Grêmio Náutico União, foi campeão gaúcho, brasileiro, sul americanos, foi laureado pelo União. Então eu sempre quis fazer esporte, mas eles não me deixavam porque eu tinha um irmão pequeno e tinha que ajudar a cuidar ele. E os meus irmãos faziam esportes. Então eu achei assim, a minha filha vai fazer esporte, vai ir ao teatro. Eu ia muito ao cinema e ao teatro com minha mãe, isso aí ela incentivava mais a cultura do que o esporte. Sabe? O pai incentivava o esporte, a mãe incentivava a gente mais à cultura, a ir ao museu, ao teatro, ao cinema [RISO], a participar de espetáculos.

C.M. – Dentro da sua percepção, quais são as maiores dificuldades que ela teve devido a jogar futsal?

N.S. – As dificuldades devido a ela jogar futebol?

C.M. – Futebol, futsal...

N.S. – É aquele preconceito que as pessoas têm que mulher não pode jogar futebol. Aí chamam as meninas, moças de machorra e de homossexual, que lugar de mulher é na cozinha [RISO]. Eu acho que essa foi a dificuldade um pouco. Mas ela teve amigos, colegas que sempre incentivavam ela e nunca falaram nada.

C.M. – E você o que acha sobre isso, você acha que mulher pode jogar futsal?

N.S. – Hoje em dia a mulher pode fazer o que quiser, não tem mais essa. Menina de Deus, uma época que nós vivemos onde o mundo é globalizado, acho que a mulher no mundo inteiro deve fazer o esporte que gosta. Seja futebol, seja vôlei, handebol, não interessa, automobilismo, caiaque, canoa. Eu gostava de vôlei. Eu joguei em uma empresa aérea, na Varig, uma empresa de aviação. Eu jogava no time da Varig, jogava vôlei.

C.M. – Alguma vez você percebeu alguma mudança nela, você acha que o esporte ajudou ela, não só no sentido de saúde mas em algum outro aspecto?

N.S. – Ajudou e muito o esporte. Ela ficou mais centrada, ela focou nos estudos. Acho que não vi mudança diferente, muita diferença nisso. A não ser esse contratempo assim da homossexualidade. Mas isso aí foi uma consequência. Mas fora disso não me lembro de ter visto mudança nela. Comigo continua igual porque se faltar com respeito comigo eu dou nos dedo né. [RISOS] A gente conversa, então, não tem porquê. Não vi nada de errado.

C.M. – Você gosta que ela jogue?

N.S. – Eu gosto de esporte, eu gosto que ela jogue. Melhor estar no esporte, fazendo esporte do que estar no mundo das drogas. Se todas as mães colocassem seus filhos para fazer alguma atividade esportiva ou qualquer outra atividade que o filho goste, eles não estariam envolvidos com gente de baixo nível. As mães fumam, compram uma carteira de cigarro, mas não compram um litro de leite para o filho. Vão, bebem cerveja um monte e não incentivam o filho à nada. Melhor assim né.

C.M. – Melhor que façam esporte.

N.S. – Melhor o esporte do que estar envolvida. Melhor ter um filho em um ambiente mais saudável, mais fechado. Eu acho, eu fui criada assim, em um ambiente fechado. Isso eu tenho como exemplo meus pais. Melhor tu ficar de olho, assim como dono fica de olho no gado. Tem que ter o olho do dono. É minha filha, meu sangue, não quero que se misture. Então, é melhor o ambiente esportivo ou se fosse outra coisa também, eu ficaria feliz.

C.M. – Eu te agradeço muito pela sua entrevista.

N.S. – Eu que te agradeço. Espero que a tua entrevista tenha muito êxito.

C.M. – Muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]